

UM ESTILO DE VIDA PARA O MÉDICO

MOACYR NAVARRO

Consagrar a Vida à Verdade: eis o nosso estilo de vida.

Que outro objetivo que não esse da pesquisa da verdade alimenta o médico no seu contínuo labor, na sequência de seus estudos e nos anseios de suas averiguações? Que melhor testemunho pode dar àqueles que lhe confiam a saúde e a vida que esse de ser um devotado da ciência, um observador arguto, um ponderado e probo na prática da medicina, em busca do filão de ouro da verdade? Que mais forte penhor de garantia pode oferecer aos que lhe procuram em busca de um lenitivo para seus males, acariciando esperanças de cura ou de melhora, que o de pautar sua vida clínica por um continuado estudo na ânsia de novos conhecimentos, na investigação constante da verdade? Que confiança mais sólida pode despertar em seus clientes, essa força moral sugestiva tão valiosa na arte de curar, que o espetáculo contínuo de sua vida vivida exclusivamente para as coisas da medicina, e perseguir a verdade através de sua esteira de luz?

A medicina é uma ciência de verdades transitórias, é um velho chavão a advertir o médico da imprescindível obrigação de acompanhar **pari-passu** os gigantescos passos de seu progresso. conhecer a verdade que está em dia para não ser acoimado de retrógrado, aferrado aos conhecimentos sedícios que bebera a largos sorvos, de afogadilho, nos lustrosos bancos acadêmicos.

Largo fôlego exige a medicina para acompanhá-la em sua marcha acelerada. Mistér ainda se fez estar alerta ao seguiu pois em suas arremetidas costuma dar súbitos saltos para trás, ao estilo das guerras de movimento em seus avanços e recuos para abraçar teorias esquecidas; aceitar etiologias abandonadas de muitas entidades morbidas; encontrar sua razão de ser em obsoletas práticas terapêuticas; descobrir a verdade em clássicos sintomas clínicos; repudiar teorias recentes para admitir antigos princípios de Hipócrates, recuando para buscar nos fosseis

da medicina, num paciente estudo de paleontologia médica, a revogada explicação da transmissibilidade de certas moléstias, como está no verso de Apuleu: **multa renascentur quae jam cecidere**. Não se pode parar: parar em medicina equivale a recuar.

Não há em medicina um lugar ao sol para os comodistas, os céticos e os sonhadores: faz-se preciso realizar sempre em busca de um ideal dinâmico, jamais satisfeito, porque a Verdade Suprema é inatingível, mas sua pesquisa é fecunda em realizações a bem da humanidade.

Um telegrama vindo da Espanha comunicava a morte de Assuero e nos fazia lembrar o tão decantado “método do dr. Assuero”, que esteve em foco, não faz muito tempo a despertar celeuma e espanto no mundo profano e mesmo ingenua admiração na classe médica.

E' um exemplo vivo dos avanços e recuos a que a medicina está sujeita até à cristalização definitiva da verdade.

Assuero viu seu nome de um dia para outro aureolado de gloria. Sua pátria lhe pareceu pequena para conter a grandeza de seu gênio: fez-se ao largo para outras plagas, em busca de outros céus e de novos triunfos, e como um Cabral redivivo, a fugir das calmarías, deu com o costado no Brasil. O campo aqui lhe foi fértil para expansões de charlatanice.

Os jornais profanos teceram-lhe elógios e contaram casos maravilhosos de curas importantes que empalideciam os milagres de Lourdes e até mesmo os milagres bíblicos: paralíticos que andavam depois de uma simples cauterização na mucosa nasal, hemiplégicos que há vários lustros vinham “ceifando” abandonaram a muleta; dores nevralgicas terebrantes, que haviam desafiado toda a terapêutica sedativa, desapareceram como por encanto; ciáticas lancinantes se esvaeceram docemente após galvanocauterizações nasais; cegos recobram a visão; mudos desatrelaram a língua. toda a longa teoria dos histéricos dera largas ao “gênio” de Assuero.

E o “método do dr. Assuero” não é outra coisa que a revivência do **tcha-tchim** usado há uns três mil anos pelos chineses, que até hoje tratam moléstias com picadas de fogo na pele. Não precisamos ir tão longe para encontrar um símile desse tratamento, basta recuar até à idade média e lá encontraremos a **acupunctura**, que outra coisa não é senão o **tcha-tchim** modernizado.

Façamos, no entretanto, justiça ao criador desse método de cura, em nossos dias, lembremo-nos o nome daquele que lhe deu um certo cunho científico, no mostrar a razão de ser do processo

baseado na ação reflexa partida das expansões terminais de filetes nervosos na mucosa nasal, mediante excitação por cauterização, e a que dera o nome de “centroterapia” Queremos nos referir a Bounier.

E a “centroterapia”, por sua vez, nada mais é que o empírico “tcha-tchim” dos chineses, de há três mil anos e a “acupuntura” da idade média, restritos à pituitária.

Hoje, depois de todo aquele sucesso, curando noventa e nove por cento dos casos curáveis por simples sugestão ou pela psicoterapia armada, o “método do dr. Assuero” se viu circunscrito dentro do âmbito que lhe havia traçado Bounier.

A terapêutica está mais sujeita a esse ciclo; as drogas surgem como as estrelas e se multiplicam como os pães e os peixes no milagre bíblico, muito embora tenham às vezes a existência efêmera daquelas decantadas rosas de Malherbe, que se desfolham no espaço de uma só manhã.

Certo professor costumava dizer a seus alunos que os remédios precisavam ser prescritos enquanto estavam curando, como a adverti-los desse fato conhecido de todos nós, médicos militantes: a grande predileção dos doentes pelos remédios novos. Estão em moda hoje as vitaminas, os hormônios, as sulfonamidas, a penicilina.

As sulfonamidas rasgaram novos horizontes à quimioterapia: não se pode prever até onde ela irá estourando micróbios. A penicilina segue-lhe o rastro: arraza com certas infecções.

Agora, numa revisvescência do que o gênio de Pasteur imaginara, as substâncias anabíóticas (actinomocina, tirotricina, fumigacina, clavina, quetonina, micromonosporina, estreptomocina, etc.) abrem uma clareira de esperança na desesperança daqueles doentes que viviam morrendo na consciência suicida da impotência da medicina para curar seus males. Dentro do “espectro anti-biótico” para usar a expressão criada por Waksman, surgem esperanças de cura para doenças tidas como incuráveis. Ainda mais: a substância anabiótica unida às sulfonamidas promete curas que escapam à nossa imaginação. Haja vista o que o **promin**, unido à **estreptomocina**, vem conseguindo no tratamento da tuberculose experimental. Seria arojo afirmar-se que a tuberculose e a lepra seriam dentro em pouco doenças em agonia? Até quando existirão as doenças que não perdoam? As possibilidades da ciência são infinitas.

Antítese daquele professor ávido de novidades, foi outro, esguio como um choupo, austero e empertigado, de fisionomia impassível, como se padecesse de paralisia dos **risorius** de Santurini,

era o “homem que não ri”, como o apelidamos nós, parodiando Vitor Hugo. Esse nos recomendava em aula só lessemos livros de medicina de um ano ou mais, após passados pelo crivo apertado da crítica sensata dos entendidos e só receitassemos drogas de um lustro de existência, no mínimo, após larga experimentação na clínica hospitalar. E tão longe estávamos nós da clínica..

Entre esses extremos, Miguel Couto era a ciência sedimentada através de longa experiência, um tomo maciço de clínica médica, o raro tino clínico forrado de sólida cultura geral, digno de nosso respeito pelos tesouros de bondade de seu coração, merecedor de nossa estima e admiração pelos fulgores de seu espírito e inteireza de seu caráter, ele foi o Mestre, de cuja boca jorravam as palavras de ouro da sabedoria, da prudência.. Era Miguel Couto, em suma.

Hoje, com as idas e vindas da medicina, vemos que a virtude ainda continua no meio, como desde o tempo em que ela apareceu em belo aforismo, em roupagem helênica: **in medio stat virtus**. Nem tanto apêgo ao passado, nem tão aceso namoro com as coisas jovens: remédio novo, exames novíssimos, técnica ultramoderna.. Tudo passa, e só fica o que tinha de ficar: remédios que realmente curam, exames de rotina que verdadeiramente orientam, e um pouco menos de técnica e da audácia e um pouco mais de senso clínico de bom senso e de respeito pelo sofrimento e pela personalidade de nossos doentes.

Consagrar a vida à Verdade: eis o estílo de vida do médico. **Vitam impendere vero**: são três vocábulos apenas a riscar a diretriz de todos os nossos atos, a coordenar todos os nossos pensamentos, a compor todas as nossas energias, a nos delinear a rota para a glorificação da Verdade.

Descartes confessa, no seu “Discurso sobre o método”, que ultimados seus estudos se habilitara a engrossar a fileira dos doutores; mas, desprovido das ilusões da vaidade, resolveu antes livrar-se de erros e dúvidas, dilatar o âmbito de seus conhecimentos e estratificá-los através de uma cultura séria, emancipar-se dos mestres e dos “tabús”, perquirindo a ciência que poderia encontrar em si mesmo ou no grande livro da vida” E Descartes foi quem foi: o físico de nomeada da hipótese das ondulações; da lei da refração; da teoria do arco-iris; da hipótese dos turbilhões; o notável matemático dos expoentes algébricos; o fundador da geometria analítica; o filósofo do silogismo — **cogito ergo sum** — que influenciou sobre a formação filosófica de Spinoza e de Lock. Descartes foi um apaixonado caçador da verdade, um belo paradigma de amor ao estudo, de devotamento

à ciência, de coragem e de tenacidade, dessas qualidades raras que dão azas ao gênio e inflam de esperanças o peito de Prometeu para a escalada do azul em busca do fogo sagrado do segredo da vida, a chave do Olimpo, e flama da verdade! Esse, o estilo de vida de todo o médico cento por cento médico: pesquisar a Verdade como símbolo da própria medicina — verdade diagnóstica, verdade terapêutica — em que se fundem e se cristalizam todas as outras miríades de pequenas verdades para atingir o objetivo supremo da medicina, que é tornar o homem melhor, a vida mais longa e feliz.

Vitam impendere vero: que seja o nosso lema, que esta divisa de Rousseau, tomada das **Sátiras** de Juvenal, seja também a nossa divisa, o nosso estilo de vida, o resumo de nosso credo, a síntese de nossa profissão de fé, o substratum eloquente de todas as cogitações de nossa inteligência e de todos os impulsos de nossa atuação profissional!

LIPOCAICO

L a b o r

APRESENTAÇÃO: Injetável - caixa de 6 ampolas de 2 cm³
Drágeas - frasco de 20 drágeas de 0,60 g

LIPOCAICO — o princípio lipotrópico do pancreas —
previne e corrige as infiltrações gorduro-
sas do fígado. Encontra aplicação nas
hepatomegalias diabéticas, nas cirroses e
pré-cirroses hepáticas, e nos transtornos
do metabolismo do colesterol.



A atividade do LIPOCAICO LABOR é testada
em ratos portadores de esteatose hepática

LABORTERAPICA S. A.